



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Rafael Giovani Venuto

*Dunas mil grau:
olhares compartilhados*

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof.^º Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientadora: Prof.^ª Daisi Vogel

**Florianópolis
Julho de 2016**

Rafael Giovani Venuto

*Dunas mil grau:
olhares compartilhados*

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina Projetos Experimentais ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo, no primeiro semestre de 2016.

Orientadora: Prof.^a Daisi Vogel

**Florianópolis
Julho de 2016**

FICHA DO TCC Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2016	
ALUNO	Rafael Giovani Venuto	
TÍTULO	Dunas mil grau - olhares compartilhados	
ORIENTADORA	Daisi Vogel	
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input checked="" type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: Vila do Arvoredo
	<input type="checkbox"/> Reportagem <input type="checkbox"/> Livro-reportagem	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Fotografia; Exposição; Fotorreportagem; Alfabetização cultural; Fotodocumentarismo	
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) compreende uma fotorreportagem participativa na Vila do Arvoredo, também conhecida como Favela do Siri, norte da Ilha de Santa Catarina. Ela se desdobra em três eixos: captação autoral, desenvolvimento de uma oficina de fotografia junto às crianças da comunidade e uma exposição conjunta ao final. A intenção é apresentar, através de uma série de imagens, como é a realidade e o dia-a-dia das pessoas que compõem a comunidade, com especial enfoque nas crianças e sua forma de ver e	

	<p>compreender a si mesmas e o meio em que vivem. Baseado no princípio de que o jornalismo e a cultura carregam consigo um profundo potencial de transformação social, este trabalho se apresenta como um produto comunicacional que visa colaborar para reflexões sobre processos de construção de cidadania e alfabetização cultural.</p>
--	---

AGRADECIMENTOS

À família, em especial à minha amada mãe Irene, que nos deixou há três anos. À comunidade da Vila do Arvoredo pelo aprendizado inesquecível que me proporcionou. À minha orientadora Daisi Vogel por todo o conhecimento e sensibilidade que partilhou comigo. À minha grande amiga Aglair Bernardo pelo apoio e inspiração incondicionais ao longo dos últimos cinco anos. À também amiga Naiara Rech, cujo apoio foi imprescindível para a execução deste trabalho. A todos que me instigaram a jamais desistir de meus sonhos.

"O verdadeiro fotógrafo, como de resto qualquer artista, deve escolher o caminho com o coração e nele viajar incansavelmente, contemplando como pessoa inteira tudo o que é vivo. Absolutamente íntegro, sem propósito alcançar, sem submissão a regras e fórmulas, sem necessidade de parecer brilhante ou original, só assim autêntico e livre pode captar o espírito criador em movimento. Aquele que mergulha na viagem do ver tem que estar com as portas da percepção sempre abertas, sabe que diante do eterno precisa esquecer de si próprio. A criação é o que importa, caminho de conhecimento, poderosa arma de encontrar o mundo. O ato criativo é contínuo e sem fim, a prática sempre renovada de contemplar humaniza a visão, anula verdades, permite a inventividade, realça o eu interior. A recompensa é a experimentação mística do encontro com a beleza. O fotógrafo sente neste momento fugaz algo parecido com o satóriz zem budista, um momento de revelação, um indefinido e maravilhoso prazer. Nessa respeitosa relação consigo mesmo, o fotógrafo cria algo de original com espontaneidade e fluência, o observador se confunde com a coisa observada, o vazio se instaura, o que estava contido volta a pulsar, o que antes era pressentimento agora é realização. A pureza do seu diálogo, por mais fotos que faça, por mais poeira que tire dos olhos, continuará andando solitário com sua câmera, mas ele também sabe que está aprendendo outra arte bem maior, a arte de não ser coisa alguma, de não ser mais que o nada, de dissolver a si próprio no vazio entre o céu e a terra."

Fernando Pessoa

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	16
Imagem 2	17
Imagem 3	18
Imagem 4	19
Imagem 5	19
Imagem 6	24
Imagem 7	32
Imagem 8	32
Imagem 9	34
Imagem 10	34
Imagem 11	35
Imagem 12	36
Imagem 13	38
Imagem 14	39
Imagem 15	39
Imagem 16	40
Imagem 17	41
Imagem 18	42
Imagem 19	43
Imagem 20	44
Imagem 21	46
Imagem 22	49
Imagem 23	49
Imagem 24	50
Imagem 25	51
Imagem 26	52
Imagem 27	53
Imagem 28	54
Imagem 29	55
Imagem 30	56
Imagem 31	57
Imagem 32	58

Imagem 33.....	59
Imagem 34.....	59
Imagem 35.....	60
Imagem 36.....	61
Imagem 37.....	62
Imagem 38.....	62
Imagem 39.....	63
Imagem 40.....	64
Imagem 41.....	65
Imagem 42.....	66
Imagem 43.....	66
Imagem 44.....	67
Imagem 45.....	67
Imagem 46.....	68
Imagem 47.....	69
Imagem 48.....	70
Imagem 49.....	72
Imagem 50.....	73
Imagem 51.....	74
Imagem 52.....	74
Imagem 53.....	75
Imagem 54.....	75
Imagem 55.....	77
Imagem 56.....	77
Imagem 57.....	78
Imagem 58.....	78
Imagem 59.....	79
Imagem 60.....	80
Imagem 61.....	82
Imagem 62.....	83
Imagem 63.....	88
Imagem 64.....	89
Imagem 65.....	90
Imagem 66.....	91
Imagem 67.....	92

Imagem 68.....	93
Imagem 69.....	94
Imagem 70.....	95
Imagem 71.....	96
Imagem 72.....	97
Imagem 73.....	98
Imagem 74.....	99
Imagem 75.....	100
Imagem 76.....	101
Imagem 77.....	102
Imagem 78.....	103
Imagem 79.....	104
Imagem 80.....	105
Imagem 81.....	106
Imagem 82.....	107
Imagem 83.....	108

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	11
2. APRESENTAÇÃO.....	12
2.1 A COMUNIDADE.....	14
2.2 FUTURO INCERTO.....	21
3. ESCOLHA DO TEMA.....	22
4. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
5. PROCESSOS DE PRODUÇÃO.....	30
5.1 FONTES.....	30
5.2 CAPTAÇÃO AUTORAL.....	47
5.3 OFICINA.....	48
5.4 SAÍDA FOTOGRÁFICA.....	63
5.5 EDIÇÃO.....	70
5.6 EXPOSIÇÃO.....	72
6. RECURSOS.....	83
7. DIFICULDADES E APRENDIZADO.....	85
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109

1. RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) compreende uma fotorreportagem participativa na Vila do Arvoredo, também conhecida como Favela do Siri, norte da Ilha de Santa Catarina. Ela se desdobra em três eixos: captação autoral, desenvolvimento de uma oficina de fotografia junto às crianças da comunidade e uma exposição conjunta ao final. A intenção é apresentar, através de uma série de imagens, como é a realidade e o dia-a-dia das pessoas que compõem a comunidade, com especial enfoque nas crianças e sua forma de ver e compreender a si mesmas e o meio em que vivem. Baseado no princípio de que o jornalismo e a cultura carregam consigo um profundo potencial de transformação social, este trabalho se apresenta como um produto comunicacional que visa colaborar para reflexões sobre processos de construção de cidadania e alfabetização cultural.

Palavras-chave: Jornalismo participativo; Exposição; Fotografia; Fotodocumentarismo; Cidadania cultural; Alfabetização cultural

2. APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) compreende uma fotorreportagem participativa na Vila Arvoredo, também conhecida como Favela do Siri, norte da Ilha de Santa Catarina. Desdobrada em três eixos (captação autoral, desenvolvimento de uma oficina de fotografia junto às crianças da comunidade e uma exposição conjunta ao final), a intenção é apresentar, através de uma série de imagens e legendas, como é a realidade e o dia-a-dia das pessoas que compõem a comunidade, com especial enfoque nas crianças e sua forma de ver e compreender a si mesmas e o meio em que vivem. Baseado no princípio de que o jornalismo e a cultura carregam consigo um profundo potencial de transformação social, este trabalho se apresenta como um produto comunicacional que visa colaborar para reflexões sobre processos de construção de cidadania e alfabetização cultural.

O título “Dunas mil grau: olhares compartilhados” surgiu a partir de uma das gírias mais utilizadas na comunidade, tanto por crianças como por adultos: “mil grau” com o sentido de algo muito bom, ótimo, legal, *top* etc. Como parte de minha proposta era que as crianças registrassem através de seu próprio olhar o local onde vivem e suas formas de interação, julguei interessante incorporar tal expressão, a qual tantas vezes ouvi ao longo de meu convívio com elas e o restante da comunidade.

As atividades deste TCC compreendem, portanto: 1) a construção de uma *pinhole*¹ feita com cartolina, fita crepe e papel vegetal, 2) uma saída fotográfica em que, além de utilizarem seus próprios celulares, as crianças

¹ Do inglês *pin* (buraco) + *hole* (agulha). É uma máquina fotográfica artesanal, geralmente sem lentes, que consiste em um compartimento devidamente escuro e um pequeno furo através do qual um fecho de luz reproduz a imagem externa de modo invertido. A *pinhole* pode ser construída com uma gama bastante vasta de materiais (caixa, latas, cartolina etc) e seu tamanho pode variar conforme sua finalidade. Seu princípio é o mesmo das antigas câmaras escuras.

revezaram o uso de duas câmeras DSLR e 3) minha própria captação durante o período de produção deste trabalho. Além disso, uma exposição conjunta foi montada na Vila do Arvoredo a fim de que os moradores pudessem ter acesso ao material que produzimos, o qual ficará à disposição da comunidade a partir de agosto.

O processo durou aproximadamente três meses e envolveu dezoito crianças: Wiliam Borges, Diogo Pavan Garcia, Maria Eduarda Pinto da Silva, Bruno Fernandes da Luz, Lucas Kossa Dias, Wesley Batista, Thamiris Gonzales, Elisiane Moura, Jaderson Veloso, Matheus Rodrigues da Silva, Paulo Ricardo Dalmaso, Kauan Rodrigues, Jennifer Rodrigues da Silva, Jefferson Veloso, Joana Maria Dalmaso Mirelly Spumbarg, Felipe Argeu Conceição, Gustavo Antunes e Guilherme Pavan Garcia.

Neste relatório, foram incorporadas algumas imagens (inclusive de celular), minhas e das crianças, com o intuito de melhor caracterizar as informações nele contidas. São fotos que, muito embora não possuam uma qualidade técnica e estética similar a do material selecionado para a exposição, parte do qual se encontra anexado em tamanho reduzido ao final deste trabalho escrito, dialogam com o conteúdo apresentado.

Além disso, ressalto que a lista de imagens mencionada no início deste relatório não está acompanhada de legendas porque as informações apresentadas em seu decorrer já sugerem e introduzem o entendimento de cada uma delas. Finalmente, optei por não identificar minha captação autoral e a das crianças por se tratar de um trabalho que encontra na coletividade (olhares compartilhados) uma de suas principais características.

2.1 A COMUNIDADE

Muito embora a proposta do presente Trabalho de Conclusão de Curso não seja detalhar em profundidade o conjunto maior de questões que afligem os moradores da Vila do Arvoredo e suas demandas sociopolíticas, não poderia me eximir de apresentar um breve panorama histórico da comunidade. Deste modo, elenquei alguns dados que considero pertinentes para a compreensão do contexto de sua realidade.

Se o crescimento urbano de Florianópolis nos anos oitenta trouxe consigo certa sensação de progresso, por outro lado, a falta de infraestrutura e planejamento não deixou de cobrar seu preço. Atraídas por uma utopia, na qual a cidade se mostrava um paraíso repleto de oportunidades, famílias de todas as partes do país cruzaram a ponte a fim de construir um futuro melhor na Ilha de Santa Catarina. Tal futuro passava pela construção civil, principal setor empregatício dos novos moradores, em especial aqueles com menor escolaridade.

Com o preço dos imóveis hiperinflacionados em várias regiões da cidade, manguezais, dunas e morros se tornaram as únicas alternativas viáveis para muitas famílias, o que colaborou de modo significativo para o aumento da população na periferia urbana. A Vila do Arvoredo, também denominada Favela do Siri², surge neste período.

² O nome “Favela do Siri” deixou de ser usado oficialmente em 2004, após assembleia realizada pela associação dos Moradores da Vila do Arvoredo (Amovilar). Apesar da mudança, a denominação original continua a ser utilizada amplamente. Talvez a subtração da palavra “favela” possa ser compreendida como o desejo dos moradores de se distanciarem das noções que o imaginário mais amplo criou ao longo do tempo em relação ao termo, ou seja, favela como o lugar da desordem social, do crime, da violência e da pobreza. Tal imaginário persiste ainda fartamente, muito embora sejam variados os estudos que demonstram justamente o contrário, ao identificar nas favelas a presença de fortes sentimentos de coesão social em variados níveis como a família, associações voluntárias, espírito cooperativo e rica vida social. (LEES, 2004)

Vindas de cidades como Lages, Curitiba, Porto Alegre, Canoas, São Paulo, Rio de Janeiro etc, diversas famílias viram nas dunas da Praia dos Ingleses a possibilidade de construir suas moradias.

Localizado em uma Área de Preservação Permanente (APP) de 953,5 hectares, o local foi tombado como patrimônio natural e paisagístico em 1985 através do Decreto Municipal 112/85. Nele, vivem atualmente cerca de 300 famílias. Em 2005, aproximadamente 221. Uma década antes, 30.

Dentre os diversos agrupamentos familiares que compõem a Vila do Arvoredo, um em especial chamou minha atenção, não só pela singularidade de sua formação, mas por sua forma de se relacionar com a comunidade e a natureza ao seu redor. Refiro-me a um coletivo de cinco latino-americanos originários de países como Argentina, Chile e Uruguai, além de dois brasileiros. Seu sustento vem, basicamente, do artesanato. O casebre de madeira onde moram foi pensado de modo que seu impacto no meio ambiente seja o menor possível. Além de reaproveitarem garrafas plásticas para construir hortas e um pequeno muro de contenção de areia, seu banheiro é seco, ou seja, não utiliza água na descarga, mas matéria orgânica desidratada. As plantas cultivadas pelos “gringos”, como são conhecidos no local (rúcula, alface, tomate, melancia, maracujá etc), por sua vez, são adubadas com os dejetos devidamente curtidos por aproximadamente seis meses, tempo mínimo necessário para que qualquer micro-organismo patológico presente nas fezes seja eliminado naturalmente. Segundo eles, a temperatura da compostagem, que chega a atingir 60° em condições ideais, é o segredo para o processo dar certo.



Imagem 1

Tais gestos, raros na comunidade, se mostram bastante eficazes no sentido de que tornam dispensável o uso de água, não contaminam o meio ambiente e barateiam a subsistência de todos os envolvidos. Não bastasse isso, ainda suprem parcialmente a ausência do poder público em termos de melhorias estruturais e de saneamento básico, setores da administração pública que não acompanharam o aumento exponencial do número de casas nas dunas ao longo do tempo. Prova disso são as péssimas condições de salubridade a que estão sujeitos todos os cerca de 1.200 moradores da Vila do Arvoredo.

As dunas, assim como a água dos mananciais que brotam espontaneamente em vários pontos da Vila, foram contaminadas pela própria população. Muitos descartam todo o tipo de lixo em qualquer canto da comunidade. Compõem a paisagem pilhas de sucatas e detritos, ambiente ideal para a proliferação de mosquitos, baratas e ratos. Mutirões vem sendo

organizados pela atual diretoria da associação de moradores, com a participação efetiva dos “gringos”. Paliativos, seus efeitos não solucionam plenamente a poluição do lençol freático e demais elementos da frágil estrutura de flora e fauna local. Problemas respiratórios também são comuns por conta do convívio diário com a onipresente areia.



Imagem 2

Um exemplo de como a questão ambiental não faz parte da cultura da maioria da população local fica evidenciado pelo comentário de um menino participante da saída fotográfica que fizemos. Ao passarmos por um lago onde urubus devoravam os restos mortais de um cachorro jogado há poucas horas por um morador, o garoto comentou que seria melhor que concretassem todos os lagos. Desse modo, disse ele, o problema da sujeira seria resolvido de uma vez por todas e ninguém mais ficaria doente. Não foi sem certa satisfação que pude explicar a ele sobre a importância de se manter os lagos

limpos e que o concretamento, além de inútil, colocaria em risco a vida de uma série de animais e plantas que dependem deles para sobreviver, do cão à melancia plantada logo ali.



Imagem 3

Assim como acontece na maioria das comunidades menos favorecidas país afora, outro problema enfrentado há décadas pela população da Vila do Arvoredo diz respeito ao poder paralelo exercido pelo narcotráfico. Seja qual for a decisão tomada pela recém-eleita diretoria da Amovilar, composta basicamente por trabalhadores informais, a palavra final é sempre dos chamados “patrões”. Nada é decidido sem seu consentimento. As penas para quem descumpra suas ordens podem ser relativamente brandas, como agressões físicas e depredações, até despejos, perseguições e morte.

Na última vez que estive no local antes da exposição fotográfica, corria na comunidade a informação de que havia três mortos nas dunas. Um

deles acabara de ser levado pelo IML. Os outros dois permaneciam em local desconhecido. Segundo a presidente da associação de moradores, Nina, os três “piás” foram assassinados por terem roubado uma quantia de maconha pertencente a Artur³. A mulher, com forte sotaque paranaense, completou o relato dizendo que eles “pediram pra se queimar”.

Ainda sobre este tema, o que se sabe é que grande parte da população é a favor da permanência dos traficantes no local pois “eles cobrem a lacuna deixada pelo poder público”, afirmam. Fraldas, remédios, roupas, botijões de gás, transporte até hospitais – não há nada que se precise na Vila do Arvoredo que não se consiga pelas mãos do crime, desde que, claro, não se perturbe o mais lucrativo e controverso negócio local.



Imagens 4 e 5

Sobre este tema e ao tratar especialmente da presença do narcotráfico em quase todas as favelas e conjuntos habitacionais do Rio de Janeiro,

³ Nome fictício. Chefe do tráfico na comunidade.

questão que pode ser estendida às comunidades carentes e favelas de Florianópolis, a pesquisadora Elizabeth Lees afirma que há um “[...] frágil equilíbrio entre a rudimentar organização democrática da comunidade e as forças autoritárias locais com potencial para submeter as lideranças legítimas” (LEES, 2004, p. 251). Sobre isso, ela continua

O desenvolvimento de sistemas paralelos de poder, em parte devido à repressão e à corrupção das forças oficiais, significa que os moradores das favelas ficam entre duas forças armadas: a polícia e os grupos de traficantes (LEES, 2004, p. 251)

Sendo assim, um ponto que considero importante ressaltar diz respeito a minha sensação enquanto repórter em campo: mesmo cercado de pessoas armadas e supostamente perigosas (traficantes, assaltantes de banco e assassinos confessos), meu receio maior sempre esteve atrelado às abordagens policiais. Ao que me parece, o mesmo sentimento é compartilhado pela grande maioria da população que vive na Vila do Arvoredo e em outros redutos onde o Estado se faz ausente.

Tal realidade foi ricamente retratada no documentário “Notícias de uma Guerra Particular⁴” (1999), de Kátia Lund e João Moreira Salles. Os depoimentos dos moradores, embora tenham sido colhidos há quase duas décadas, são de uma atualidade assustadora. Perturbador, o vídeo é construído de modo que o espectador possa compreender o macro contexto a que estavam expostas as mais diversas personagens que compunham a realidade daquele período. Considerado um dos primeiros documentários de fôlego a

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EAMlhC0kIRo>

tratar do assunto, “Notícias de uma guerra particular” apresenta uma abordagem que contempla múltiplos olhares - de traficantes a policiais, de moradores da comunidade Santa Marta a detentos, de escritores a menores infratores.

2.2 FUTURO INCERTO

Diversas disputas vêm sendo travadas entre moradores, Ministério Público Federal (MPF) e prefeitura ao longo dos quase vinte e cinco anos de ocupação da Vila do Arvoredo. Uma das primeiras propostas previa a realocação das famílias para um terreno no bairro Rio Vermelho. Ela fracassou frente à resistência dos moradores locais. O mesmo aconteceu anos mais tarde, em Canasvieiras. Sob a alegação de que não havia estrutura para recebê-las, líderes comunitários providenciaram abaixo-assinados que vetaram seu assentamento. Para além do argumento da falta de estrutura, é possível identificar que uma das principais motivações para a recusa da presença da nova vizinhança foi o preconceito em relação à periferia.

Atualmente, assim como em anos anteriores, o que se sabe é que existe um projeto de realocação em curso. O lugar para onde serão levados, no entanto, permanece uma incógnita. De acordo com o professor e vereador Lino Peres, militante junto a uma série de movimentos sociais da região de Florianópolis, a localização do terreno que está sendo vislumbrado como alternativa ainda não pode ser divulgada “por motivos de segurança”. De qualquer forma, ao se considerar que há dezenas de famílias que desejam permanecer na Vila do Arvoredo, reconhece-se que o processo de remoção será longo e muito conflituoso.

É neste contexto que meu trabalho foi realizado. Como já mencionado, minha intenção não foi se deter em imbrólios políticos, mas sim demonstrar

em que medida o acesso à alfabetização cultural pode ser útil à construção de uma nova forma de se relacionar consigo e com o mundo ao redor, afinal cultura também pode ser “[...] como entendemos a nós mesmos no mundo e como vivemos esse entendimento.” (BARON, 2004, p. 8).

Um de meus objetivos com a realização dos três eixos que dirigiram este TCC foi trabalhar na prática os conceitos de alfabetização cultural e jornalismo ativista, isto para provocar novas reflexões acerca dos limites e possibilidades do fazer jornalístico. Mesmo diante de um cenário mais macro, onde determinadas práticas se tornaram regras sem o cumprimento das quais a maioria dos profissionais da comunicação está sujeita a sucumbir, procurei sugerir, em alguma medida, que é possível que nossa atuação se diversifique ao ponto de transcender o mero relato e a catalogação de dados e fatos. A relação com as fontes, a sociedade e os meios está intimamente ligada a tal ideia.

3. ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema e a forma de abordagem do presente trabalho foram motivadas, basicamente, por dois aspectos: minha identificação e interesse pela fotografia e o fotojornalismo e o desejo de participar ativamente na construção de uma sociedade mais inclusiva, onde cultura, educação e jornalismo sejam poderosos dispositivos de transformação. Como referência inicial, utilizei o documentário *Bleu et Rouge*⁵, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso pela acadêmica do Curso de Jornalismo da UFSC Juliana Sakae, em 2009. No documentário, a autora realiza oficinas de fotografia e vídeo com crianças da cidade de Les Cayes, sudoeste do Haiti. O resultado é

⁵ Disponível em: <https://vimeo.com/29486336>

um diálogo entre as imagens e entrevistas produzidas nas oficinas e imagens da equipe que acompanhou a então graduanda. Documentário observativo, participativo e reflexivo, segundo as categorias de Bill Nichols, considerado um dos principais pensadores em estudos de cinema-documentário nos Estados Unidos, o TCC de Juliana se mostrou inspirador aos propósitos que almejei alcançar.

Inicialmente, minha ideia era realizar o trabalho junto às crianças da Comuna Amarildo de Souza⁶, porém, dado o atual momento de conturbação política, o projeto não pôde sair do papel.

Não foi fácil desistir dos “Amarildos” e “Cláudias”, como eles preferem ser chamados. Meu acompanhamento e a produção de fotos ocorria desde 2013 e vários laços importantes vinham sendo construídos. No entanto, as pessoas com as quais eu mantinha contato foram se tornando inacessíveis à medida em que a crise política brasileira aumentou. Ora envolvido com manifestações pró governo, ora em torno de suas próprias demandas locais, o grupo foi se tornando cada vez mais distante. Além disso, um dos principais líderes da comuna, Rui Fernando da Silva, fora expulso e uma nova configuração interna se impôs a todos, inclusive a mim.

⁶ A Comuna Amarildo de Souza surgiu em 2013 a partir da iniciativa de alguns moradores do Bairro Serrinha, Florianópolis, em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Com o custo do aluguel aumentando exponencialmente nos últimos anos, o grupo, composto por aproximadamente 80 famílias, decidiu ocupar um terreno supostamente grilado às margens da SC-401. Após várias mudanças de local e disputas judiciais, os Amarildos e Cláudias, finalmente foram contemplados pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e receberam um terreno de 140 hectares no município de Águas Mornas, a 36km de Florianópolis.



Imagem 6

A mudança definitiva se deu em meados de abril, momento em que tive a oportunidade de participar de uma cobertura jornalística para o Coletivo de Jornalismo Maruim⁷. Na ocasião, a Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (Floram) esteve na Vila do Arvoredo com o propósito de demolir algumas casas em situação irregular. O vídeo, produzido em parceria com o jornalista Giuliano Branco, teve grande repercussão na página do coletivo no Facebook. Como é possível observar, a ação ficou marcada pela truculência dos policiais militares que escoltavam os agentes responsáveis pelas demolições.

Este primeiro contato, ainda que em um momento extremamente delicado para a comunidade, foi muito importante para que eu percebesse,

⁷ Disponível em:
<https://www.facebook.com/midiamaruim/videos/481123398754106/?pnref=story>

ali, a possibilidade de executar as ideias que não pude colocar em prática na Comuna Amarildo. A tarde que passamos captando as imagens para o vídeo que viemos a produzir para o coletivo foi extremamente rica na medida em que me colocou em contato direto com as principais lideranças da Vila do Arvoredo, entre elas o chefe do tráfico no local, Artur. Sua receptividade foi de fundamental importância para que eu pudesse planejar todos os passos que viriam a seguir.

4. JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de partir para a justificativa em si, penso que a definição de alguns conceitos é de fundamental importância para situar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito embora minha pesquisa bibliográfica tenha contemplado uma gama bastante vasta de conceitos acerca dos usos da fotografia, quero começar com alguns apontamentos de Jorge Pedro Sousa, para quem o fotojornalismo é “[...] a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista [...]” (SOUSA, 2004, p. 44). Partindo de tal pressuposto, procurei fazer com que cada uma das atividades realizadas em meu TCC (captação autoral, oficina e exposição) contemplasse as concepções apontadas pelo autor. Por outro lado, dada a especificidade deste trabalho, e ainda pensando com Sousa, creio que minha atuação pode ser enquadrada de modo similar ao que ele chama de *fotodocumentalismo*:

[...] enquanto o fotojornalista raramente sabe exactamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projecto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. (SOUSA, 2004, p. 45)

Sendo assim, e ainda pensando em torno da classificação sugerida por Sousa, mas a partir de outra perspectiva, considero que

[...] esse novo fotodocumentarismo é composto de múltiplas vozes da comunidade, construído com o olhar de sujeitos pertencentes à comunidade que está sendo retratada, sendo possível gerar um trabalho fotodocumental rico em identidade e com maior envolvimento entre fotógrafos e comunidade fotografada, fugindo das imagens estereotipadas que normalmente são veiculadas na mídia tradicional. (FERREIRA & DA COSTA, 2009, p. 218)

Além disso, e por se tratar de um trabalho que carrega consigo práticas poucos usuais no meio jornalístico, penso que a dimensão na qual ele se insere encontra eco em outras áreas da ciência, em especial a antropologia. Assim, uma das questões que também torno relevante diz respeito às relações em campo estabelecidas entre o sujeito observador e os sujeitos observados. Objetivando esclarecer esta questão, aproprio-me das reflexões da antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira, quando, ao problematizar o campo antropológico, enfatiza as relações entre poder-saber-verdade, apoiada sobretudo pelo contexto teórico de Michel Foucault. Para ela,

[...] de pouco servirá denunciar apenas as relações de poder e de exploração mais gerais existentes na sociedade como um todo; práticas de poder existem de maneira difusa por todo o tecido social e o passo inicial para os cientistas sociais talvez deva ser denunciar a sua própria prática e tomá-la como realmente é, ou seja, uma relação de poder e uma relação que não é neutra. (CALDEIRA, 1981, p. 335)

Refiro-me a tais apontamentos para tornar nítida como se deu minha atuação junto à comunidade da Vila do Arvoredo. Poderia enumerar agora alguns dos casos onde relações de poder se fizeram presentes e determinaram, em certa medida, os caminhos que vim a trilhar e os rumos que se seguiram destas “disputas”, mas tratarei delas mais adiante, quando abordarei mais detidamente as fontes e as dinâmicas criadas.

Se a verdade tem sido uma busca permanente tanto no jornalismo quanto na ciência, parece certo supor, ainda com a autora, que o que chamamos de “verdade” nada mais é do que uma construção que surge de e para as relações. Considerando que em seu processo estão implicadas relações de poder com interferências variadas, das mais objetivas às mais subjetivas, ainda que nem todas essas interferências estejam claramente identificadas, julgo apropriado pensá-la como

[...] um jogo cujo resultado dependerá não só da ação do entrevistado, mas também da do entrevistador. Tudo pode acontecer, desde a produção de um discurso absolutamente fantasioso, mas que não é tão fantasioso assim, na medida em que pode estar sendo dito o que se julga que é conveniente falar, até a produção de um discurso absolutamente verdadeiro. (id, 1981, p. 337)

Outro aspecto que considero relevante tratar são as emoções do pesquisador, em meu caso jornalista, e o modo como participam de todo este processo, tornando-se decisivas na construção da imagem do outro. Para Caldeira, ao invés de afastá-las, elas nunca devem ser negadas, devendo, isto sim “[...] ser atentamente consideradas, pois podem converter-se em um importante instrumento para o conhecimento.” (id, 1981, p. 348).

Por se tratar de um trabalho colaborativo e participativo, em que crianças em situação de vulnerabilidade foram colocadas em contato mais íntimo com uma das artes mais versáteis e populares da modernidade – a fotografia –, este TCC dialoga com a tese levantada pelo dramaturgo e arte-educador Dan Baron, segundo a qual:

[...] precisamos reconhecer a cultura como a arena da luta pela subjetividade e reconhecer nossa subjetividade como uma força política e objetiva, não uma dispersão pequeno-burguesa no verso da pauta, nem uma dinâmica para ‘animar’ plateias passivas no início ou no final da pauta de transformação social. (BARON, 2004, p. 8)

Embora entenda e admire tanto o trabalho prático quanto o teórico de Baron⁸, cujas influências vão do educador, pedagogo e filósofo pernambucano Paulo Freire ao dramaturgo, diretor e teórico de teatro carioca Augusto Boal, não poderia deixar de comentar que o uso da expressão “alfabetização” me incomodou profundamente em um primeiro momento. Erroneamente, acreditei que tal termo carregava consigo o pressuposto segundo o qual “o outro” é sempre leigo, não sabe discernir, pensar e

⁸ Dan Baron é autor do livro “Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade”, publicado em 2004. O inglês vem desempenhando uma série de oficinas de dança, escultura e teatro junto a populações que vivem em assentamentos e aldeias brasileiras, agrupamentos marginalizados e excluídos dentro do que ele chama de “ditadura do império”.

complexificar suas relações com e no mundo. Uma análise mais detida, no entanto, fez-me perceber que, na verdade, a palavra “alfabetização” adquire, nele, o conceito de ensinar a inscrição e a codificação de uma cultura preexistente. Não significa, portanto, que o outro não possua e não faça cultura. O processo de alfabetizar a que ele se refere visa fazer com que as formas de se inscrever no mundo através da cultura se tornem inteligíveis para além de si mesmas, configurando-se em um dispositivo de transformação.

Evidentemente a observação que cheguei a esboçar não pretendia desqualificar ou diminuir o conjunto de reflexões levantadas por Baron. Tanto é assim que seu trabalho foi uma de minhas principais referências ao longo do processo de produção deste TCC.

Se se considerar com ele que

[...] a voz interna carece de autoconfiança por não ter sua história documentada, por não ter a permissão ou o espaço público para se conhecer, se ouvir e dialogar, e porque sua linguagem não é valorizada [...] (id., 2004, p. 15)

e que esta voz a que se refere é a das minorias, dos excluídos, julgo apropriado considerar que meu trabalho junto às crianças da Vila do Arvoredo foi útil na medida em que possibilitou a elas exercitar novos olhares em relação a si mesmas e o lugar onde vivem. Neste sentido, há uma possível correlação a ser feita com uma das técnicas desenvolvidas por Augusto Boal e seu “Teatro do oprimido”. A técnica desenvolvida por ele nos anos 70, atualmente difundida em todos os continentes, coloca o espectador no centro da ação dramática, transformando-o em protagonista que forma e transforma conforme o desenrolar da peça.

5. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

Os processos que fizeram parte de minha atividade foram basicamente seis: visitas de aproximação, captação autoral, oficina, saída fotográfica, edição e exposição conjunta. A seguir, apresento um breve relato sobre cada uma destas etapas e relações.

5.1 FONTES

As fontes que viabilizaram a produção deste TCC foram o chefe do tráfico na comunidade, Artur; a atual presidente da Amovilar, Nina; e a professora e coordenadora da ONG Ruth Pereira, Isabela Santos. Todas foram fundamentais em algum momento, seja fornecendo informações, seja atuando ativamente para que minhas intenções fossem concretizadas.

Como já foi dito, meu primeiro contato com Artur se deu durante a cobertura para o Coletivo Maruim. Eu colhia informações junto a alguns moradores quando uma mulher se aproximou e disse: “O Artur quer falar com a reportagem.” As pessoas com as quais eu conversava no momento foram taxativas: “É melhor que você vá.” Mesmo sem saber de quem se tratava, logo percebi que era uma personagem importante e respeitada na comunidade. Cheguei ao local em minutos. Questionado se eu estava filmando ou fotografando, respondi que poderia fazer os dois. De bermudas, casaco esportivo e chinelos, Artur permaneceu recostado nas grades que cercam sua casa até quase o final da entrevista. Dois homens o acompanhavam. Os volumes em suas cinturas denunciavam a existência de armas de fogo prontas para serem utilizadas caso a polícia retornasse.

Conversamos cerca de meia-hora antes de começarmos a gravação. Muito embora o foco de nossa conversa fosse a desastrada ação policial pela manhã e o revide que se seguiu, outros assuntos acabaram por ser abordados. Artur falou sobre suas duas passagens pela cadeia (uma por tráfico, outra por assalto seguido de morte), as características da comunidade, majoritariamente formada por trabalhadores humildes, e a seletividade do poder público quando a questão é o cumprimento da lei.

Fiquei de enviar a ele o link para o vídeo assim que publicássemos na página do Maruim, o que foi feito na noite seguinte, dia 20 de abril. A repercussão dentro da comunidade foi tamanha que, em questão de minutos, recebi uma mensagem dele: “Fala, mano! Firmeza? O vídeo ficou da hora. Tamo junto! Chega aí uma hora dessas pra comer um cachorro-quente.” Mal sabia eu que este era o sinal verde para dar vazão ao então projeto junto às crianças da Vila do Arvoredo.

Também em questão de minutos fui adicionado ao grupo da comunidade no WhatsApp, espaço onde fui apresentado a Nina, atual presidente da associação de moradores. Pelas conversas, deparei que uma assembleia estava para acontecer dia primeiro de maio. Não hesitei em me colocar à disposição para fotografar o evento.

Conforme combinado, cheguei ao local exatamente às 15h, horário previsto para o início da reunião, a qual se deu à sombra de uma árvore em frente à casa de Artur. Nina veio em minha direção e trocamos breves palavras. Ela falava ao microfone em seguida. O encontro dos moradores durou cerca de uma hora. O novo estatuto foi lido na íntegra e tinha quinze páginas, todas escritas à mão.



Imagens 7 e 8

Era feriado e um clima de tensão pairava no ar. A polícia cercava a favela. Eu mesmo já havia sido intimidado quando chegava ao local. Quatro carros e cinco motos da PM passaram por mim de modo muito acintoso. Mesmo com uma rua inteira à sua disposição, a única que dá acesso à comunidade, os condutores dos veículos oficiais quase invadiram a calçada em que eu caminhava. Poucos passos depois fui abordado por um policial que, ao perceber a câmera, perguntou se eu era da imprensa. Respondi que era estudante de jornalismo e que estava ali para fotografar a reunião da associação, ao que ele respondeu, enfático: “Mais um *player...*”, e acelerou forte em direção à transversal para onde seguiram as demais viaturas.

A reunião terminou. As pessoas foram se dispersando aos poucos – e eu com elas. Como ainda não conhecia toda a comunidade, aproveitei para dar uma volta. Não demorou muito para que alguém me abordasse. Os primeiros foram cinco rapazes, que perguntaram de qual jornal eu era. Expliquei que se tratava de um trabalho de faculdade. Os garotos não conseguiram disfarçar a decepção, mas mesmo assim pediram que eu tirasse uma foto. “Pensei que ia sair no jornal”, zombou o menor de todos enquanto esmurrugava uma porção de maconha.



Imagens 9 e 10

Trocamos números de telefone para que eu pudesse enviar as imagens. “Vamos colocar no Facebook, mano. Vai ser mil grau.” Só mais tarde vim a descobrir que um deles, Jonatan, que estava sentado em uma cadeira de rodas, havia ficado paraplégico por conta de um tiro que levava por engano há alguns meses. Quem contou isso foi sua mãe, Sandra, que vim a conhecer dias mais tarde. Portadora do vírus da AIDS, a mulher de 45 anos é a moradora mais antiga da comunidade (mais de duas décadas) e foi chefe do tráfico no Siri por muito tempo. Desistiu do posto após duas detenções em flagrante.



Imagem 11

Minha caminhada foi interrompida mais algumas vezes, o que foi ótimo porque me foi dada a oportunidade de conversar com diversos moradores e sentir o ambiente mais de perto, até que encontrei Artur. Ele fez questão de me apresentar de casa em casa, de boca em boca de fumo, ocasião

em que me foi autorizado o livre trânsito pela comunidade. Antes, porém, fomos até sua casa, onde sua companheira finalizava o prometido cachorro-quente. Além dela, estavam no local a sogra e três filhos. Comemos todos juntos, de pé mesmo. Ninguém comentou, mas tudo leva a crer que o lanche fora preparado exclusivamente para receber o “repórter do vídeo”, expressão utilizada por Artur para me apresentar à família.

Uma das cenas que mais chamou minha atenção na cerca de uma hora que permanecemos em sua casa foi a de seus dois filhos maiores brincando. Assim como aconteceu durante a saída fotográfica com as crianças da comunidade, temáticas envolvendo policiais e bandidos estão assaz presentes. Abordagens são simuladas, armas são “produzidas” com dedos e objetos, o que diz muito sobre seu universo imaginário.



Imagem 12

Lanche feito, começamos o passeio pela Rua Três Marias, nome bastante óbvio por se referir a três ex-moradoras ilustres de nome Maria. Segundo Artur, elas fizeram história pelo respeito que conquistaram junto à comunidade. Personalidades fortes, elas interviam em todos os conflitos dos moradores e nos embates com a prefeitura e a polícia. As três morreram em 2013 por motivos variados, uma na sequência da outra.

A viela de areia, embora estreita, é longa e dá acesso à parte não ocupada das dunas. Cães e gatos das mais variadas cores e tamanhos estão por todos os cantos. As casas, embora simples, abrigam uma infinidade de detalhes. Carcaças de eletrodomésticos, bandeiras de times de futebol, estátuas de santos, arcanjos e anões, varais repletos de roupas de crianças, armas de brinquedo, ferramentas – a profusão caótica de objetos, cores e texturas se repete do início ao fim da via. E o mesmo em relação aos cheiros. A cada metro andado, uma miscelânea de aromas – maconha, churrasco, esgoto, amaciante de roupas, chorume, maconha e mais maconha. Na trilha sonora do domingo, primeiro de maio, sertanejo e muito *funk*.

Como um verdadeiro líder, Artur anda com passos firmes, fala e gesticula o tempo inteiro. “Oh, Márcia! Abre aí. O repórter quer fazer uma foto.” Quase que imediatamente o pedido é atendido. A mulher aparece acompanhada de quatro crianças. “Sem cara de favela, mané! Sem dedinho! Sem dedinho!” O dedinho a que Artur se refere é o famoso *hang loose*, mas também o gesto de três dedos estendidos, alusão às três Marias, amplamente utilizado na comunidade.



Imagem 13



Imagens 14 e 15

Pouco adiante, um casal nos convida para vermos a construção de sua casa. De madeira, a residência tem quatro cômodos e vista privilegiada para as dunas. Pelo que pude constatar, o homem e a mulher pagaram o material e Artur providenciou a mão-de-obra. Os três discutem amigavelmente detalhes sobre a instalação elétrica da moradia. Diante de meu comentário sobre o capricho da obra, Artur chega a me oferecer um “terreno” vizinho ao do casal. “É só chegar, mano. Você é dos nossos.” Agradeço muito a oferta e não descarto a possibilidade de vir a fazer parte da comunidade. Certamente, aquele não era o momento para falar sobre a ilegalidade das construções no local, inclusive a dele e a do casal.



Imagem 16

Aproveito que os três conversam para andar pelos arredores. É a primeira vez que vejo as dunas de perto. Até então, meu único contato com a

comunidade havia se dado na parte mais “urbanizada”, por assim dizer, da favela. Embora lindo, o lugar é extremamente malcuidado. Há lixo por todos os cantos, em especial próximo a um dos lagos que compõem a paisagem. A água cristalina dá lugar a uma espécie de lodo escuro e fétido.



Imagem 17

Perto dali, uma égua amarrada tem nos olhos a expressão da dor e exaustão a que está sujeita.



Imagem 18

Aproveito o momento de isolamento para fazer algumas fotos mais gerais, algumas das quais vieram a fazer parte da exposição. São imagens que mostram um panorama mais aberto e que dão uma ideia do lugar e da complexidade do encontro do homem com a natureza, um encontro em que, cabe observar, nem um nem outro sai ganhando.



Imagem 19

Em determinado momento, sou interrompido por um assovio que vem de longe. É Artur quem chama. Caminho com dificuldade pela areia fina. “Mano, preciso resolver umas paradas aí. Mas fica de boa aí. Ninguém vai mexer contigo.” A tranquilidade que me oferece logo dá lugar a um forte sentimento de insegurança. Como quem está prestes a sacar uma arma, Artur interrompe a conversa aos berros e se dirige a um rapaz que caminha pelas dunas em direção à favela. “Eu já não falei pra não passar mais aqui, mané? Vasa! Vasa!” Como um cachorro que recebe bronca do dono, o rapaz dá meia volta e some atrás de um monte de areia. O traficante explica que o jovem havia roubado uma bicicleta na comunidade e que, por isso, deveria ficar um tempo sem passar por lá. “A gente rouba loja, farmácia, banco, assalta, sequestra – mas lá fora, brother! Aqui é honestidade.”

Para minha sorte, um dos gringos aparece e convida para um café. Artur vai embora reiterando que posso ficar tranquilo. Antes disso, ordena ao

rapaz que vá até a boca pegar um torrão de maconha para mim. “Diz que eu mandei – da boa, viu?!” Em questão de minutos, ele retorna com um pedaço de aproximadamente 20g em uma das mãos. Como não fumo, mas não querendo parecer careta, digo que estou gripado. “Pode ficar pra ti.” O gringo, com forte sotaque argentino, agradece o “regalo dos deuses.”

Seguimos para sua casa. Os demais moradores fumam e bebem cachaça entre uma parada e outra para o artesanato. Um deles reclama de micose no pé. De fato, seus dedos estão cobertos por uma espessa camada de pomada branca. Falamos sobre uma série de coisas, como cada um veio parar no Brasil, os lugares por onde passaram, a relação com a comunidade, a proposta ecológica que buscam inserir no lugar etc.

Me despeço perto das 20h garantindo retorno para conhecer mais de perto a horta e a compostagem, o que vim a fazer uma semana depois.



Imagem 20

Como não gostaria de voltar para casa sem antes conversar com Nina sobre meu projeto junto às crianças, caminho alguns minutos entre becos e vielas até que, de indicação em indicação, finalmente encontro seu barraco, um dos poucos com partes em alvenaria. Sou recebido por ela e seu marido, Marcelo. Os últimos acontecimentos envolvendo a Floram e a polícia, as mazelas vividas pela comunidade e os rumos que a nova presidência da Amovilar pretende dar à população foram alguns dos assuntos tratados.

Depois de algumas xícaras de café, um rapaz chega correndo para dizer que “a PM está arrepiando geral”. Nina sugere que eu pegue uma carona de moto com ele até o ponto de ônibus mais próximo, o qual fica a cerca de quatro quarteirões de sua casa. Concordo de imediato. Aquele “Mais um *player*” dito pelo policial quando eu chegava na comunidade ainda encontrava eco em minha mente.

Chego em casa são e salvo por volta da meia-noite. Neste momento eu já havia recebido via mensagem o contato de minha outra fonte, Isabela Santos, a professora e coordenadora da ONG Ruth Pereira. Na mesma noite, acertamos de nos encontrar quinta-feira para que eu pudesse detalhar o trabalho, o que se deu conforme o combinado. Expliquei a ela minha motivação e objetivos, ao que ela não se opôs. Definimos quais crianças iriam participar e montamos um cronograma de atividades.

Tal escolha aconteceu obedecendo a critérios bastante objetivos – o grau de aproveitamento e interesse dos alunos nas demais atividades desenvolvidas na ONG e sua faixa etária, preferencialmente entre oito e quatorze anos.

As cerca de cinquenta crianças que frequentam o local têm aulas de inglês, francês, alemão, dança e *taekwondo*. Todos os professores são voluntários, alguns vindos de países como Alemanha, França e Canadá. Os recursos financeiros que mantém a entidade, que são muito escassos, chegam

em sua maioria através de doações e da igreja que empresta o imóvel há alguns anos em sistema de comodato.

Isabela estudou pedagogia durante quatro anos na Université du Québec à Montréal (UQAM), no Canadá. Lá, a jovem de pouco mais de 30 anos adquiriu uma série de conhecimentos que têm sido aplicados junto às crianças da comunidade. De personalidade forte, voz ativa, seu lema é “Se não tem nada de bom a dizer, permaneça calado.” Além de repeti-lo à exaustão às crianças, diversos cartazes com o mesmo mantra estão espalhados pelo imóvel, uma casa de dois andares com um campo de futebol de areia bem em frente.



Imagem 21

5.2 CAPTAÇÃO AUTORAL

Ao longo de minha graduação, e mesmo antes dela, tive a oportunidade de desenvolver uma série de trabalhos envolvendo a fotografia e, mais especialmente, o fotojornalismo. Entre eles, destaco a cobertura da Copa de 2014 para o *Zero Jornal*. Com o objetivo de cobrirmos os acontecimentos fora dos estádios, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, uma colega (Bianca Bertoli) e eu decidimos passar um dia na comunidade da Mangueira, que fica ao lado do estádio Maracanã. A ideia era mostrar como as pessoas que vivem no complexo acompanhavam os jogos da seleção brasileira. Saímos de lá com aquela que viria a ser a capa daquela edição especial/temática⁹. Isto só foi possível graças à utilização de diversas técnicas aprendidas e apreendidas durante a graduação, em especial as relacionadas ao fotojornalismo.

Mas voltando ao TCC, minha captação autoral teve como foco registrar detalhes que possibilitassem a identificação do ambiente em que as mais de 300 famílias da Vila do Arvoredo estão inseridas. Ao todo, foram produzidas cerca de 1.500 imagens em doze idas à comunidade. Decidi selecioná-las de modo que uma variedade de contextos fosse contemplada. Assim, procurei me deter em planos e detalhes que carregassem consigo uma narrativa informativa capaz de abarcar a complexidade da comunidade, suas idiossincrasias etc. Por outro lado, preferi não seguir uma linearidade ou uma cronologia fechada, características presentes em grande parte das fotorreportagens produzidas atualmente. Isto se deve à peculiaridade deste trabalho, qual seja: o fato de sua plataforma ter sido pensada em vista de uma exposição conjunta, onde imagens minhas e das crianças formariam um todo em que cada parte contaria sua própria história.

⁹ Disponível em: https://issuu.com/zerojornal/docs/pdf_zero_junho_completo

Também me propus a evitar fotografias posadas, o que não foi possível atingir plenamente devido às inúmeras vezes em que fui solicitado para fotos. Poucas destas imagens, no entanto, foram contempladas neste relatório e apenas uma fez parte da exposição, um dos raros retratos que cheguei a fazer. De modo geral, limitei-me a compartilhá-las com as pessoas fotografadas através do WhatsApp.

Outro cuidado que procurei tomar, muito embora considere uma tarefa praticamente impossível naquele contexto, diz respeito a não tomar como prioridade o caráter denunciativo das imagens. Tal proposta pode muito bem vir a ser executada em outra oportunidade, com outra angulação, mas, por hora, considerei impertinente.

5.3 OFICINA

Uma oficina com crianças de idades variadas pode ser pensada das mais diversas formas. Minha escolha por dar maior destaque ao lado lúdico da fotografia teve por motivação o desejo de compartilhar com elas a “mágica” que envolve a formação de uma imagem.

Longe de pretender formar futuros fotógrafos, a ideia inicial foi colocá-las em contato com processos ópticos elementares para o entendimento do que vem a ser uma fotografia. Para tanto, a primeira atividade desenvolvida foi feita de modo a que elas próprias pudessem construir sua própria câmera. Munidas de cartolina preta, fita crepe e papel vegetal, cada uma das doze crianças (cinco pela manhã, sete à tarde) produziu sua própria *pinhole*.



Imagens 22 e 23

O processo envolveu, basicamente, três etapas: 1) produção de dois cilindros que se encaixassem um no outro; 2) fixação de um pequeno pedaço de papel vegetal em uma das extremidades do cilindro interno; e 3) fixação de um pedaço de cartolina preta em uma das extremidades do cilindro externo, pedaço este perfurado por uma agulha. O resultado final é a projeção invertida dos objetos ou paisagens para os quais se queira mirar.



Imagem 24

As crianças foram separadas em duas turmas a fim de que o atendimento fosse o mais individualizado possível. Com o auxílio de uma amiga, Naiara Rech, que me acompanhou em vários momentos na comunidade, fomos construindo juntos as *pinholes*.

Antes disso, porém, pedi a elas que escrevessem algo bem sucinto (cerca de uma frase) sobre seu entendimento acerca do que vem a ser a fotografia.

O mesmo em relação à comunidade, o que acham dela, como se relacionam entre si, os lados positivos e negativos.



Imagem 25



Imagens 26

Algumas das respostas, escritas em seus respectivos cadernos, estão elencadas abaixo. É interessante observar que os aspectos mais lembrados por elas em relação à comunidade dizem respeito à atuação da polícia, ao tráfico e à ONG. Sobre a fotografia, os comentários são bastante variados e curiosos.

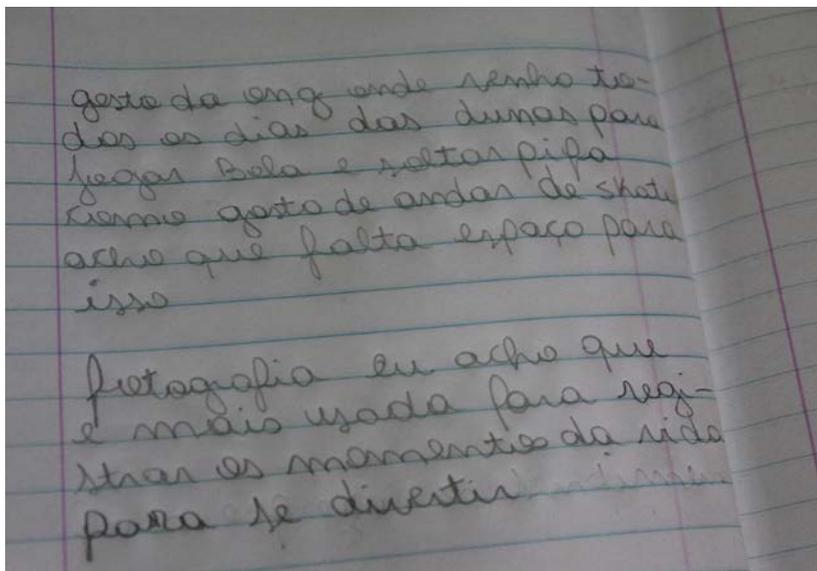


Imagem 27 - "Gosto da ONG onde venho todos os dias, das dunas para jogar bola e soltar pipa. Como gosto de andar de skate, acho que falta espaço para isso."
"Fotografia eu acho que é mais usada para registrar os momentos da vida, para se divertir. "

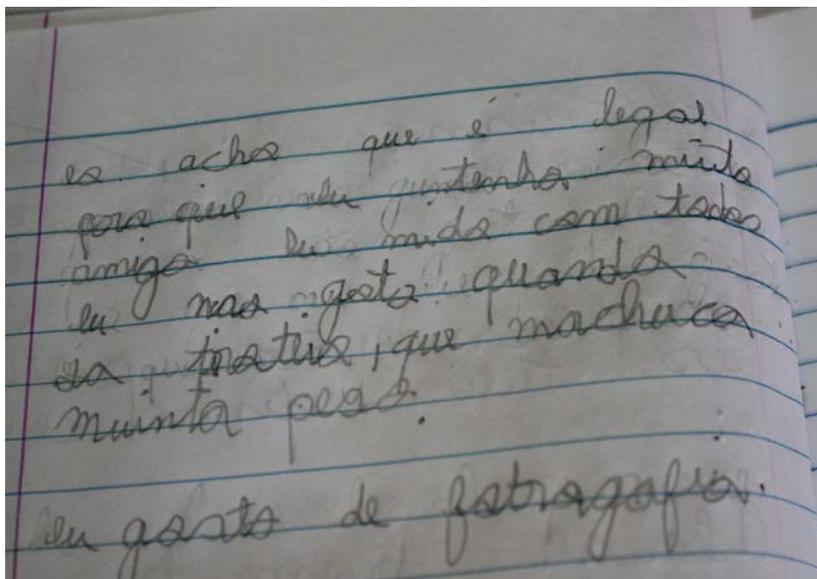


Imagem 28 - "Eu acho que é legal para que eu tenha muito amigo. Eu mido com todos. Eu não goto quando dá tiroeio, que machuca muita peso."

"Eu gosto de fotografia"

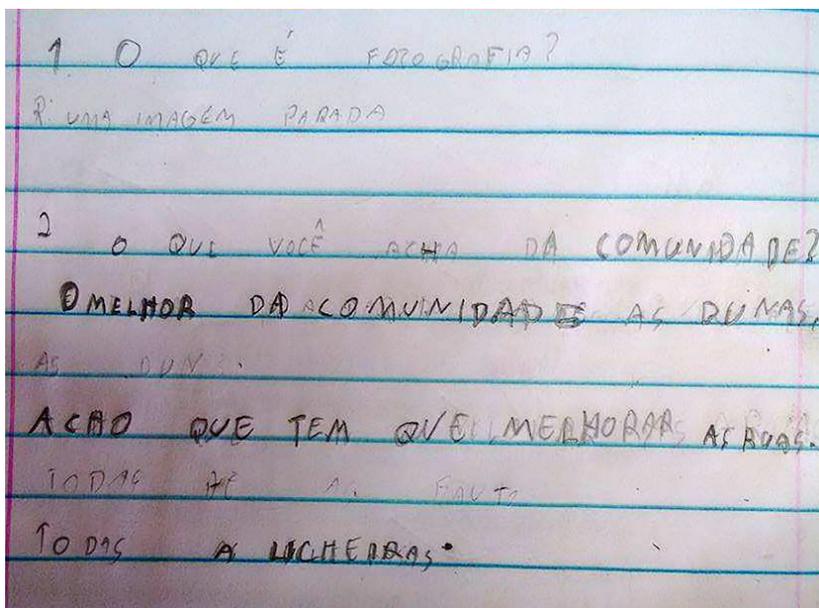


Imagem 29 - "1 - O que é fotografia?

É uma imagem parada."

"2 - O que você acha da comunidade?

O melhor da comunidade, as dunas,

As dunas.

Acho que tem que melhorar as ruas.

Todas de as fauto

Todas a licheiras."

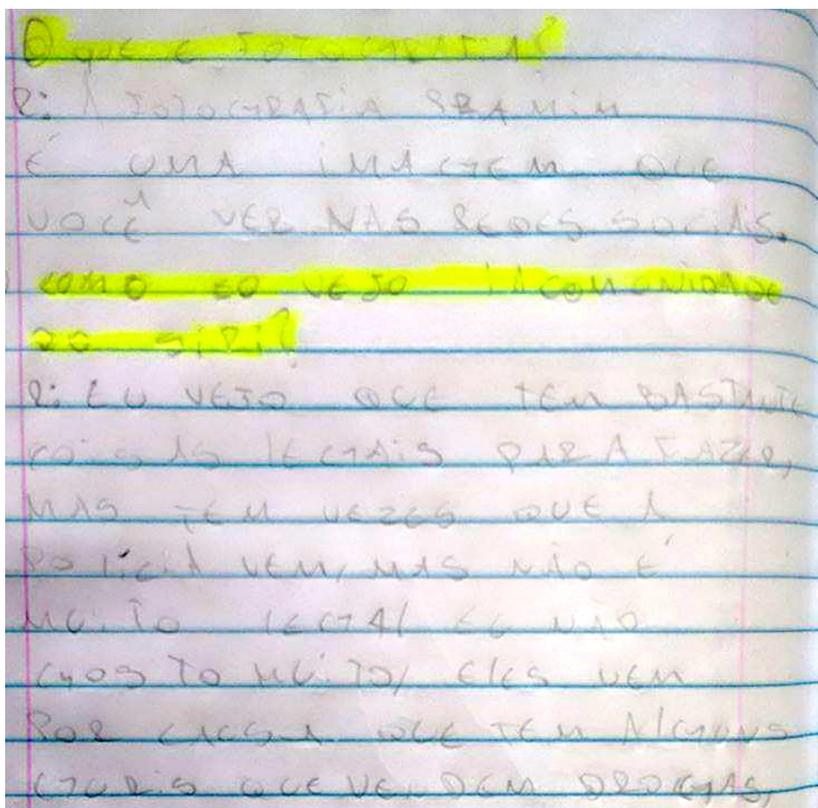


Imagem 30 - "O que é fotografia?"

R: A fotografia pra mim é uma imagem que você ver nas redes sociais."

"Como eu vejo a comunidade do Siri?"

R: Eu vejo que tem bastante coisas legais para fazer, mas tem vezes que a polícia vem, mas não é muito legal, eu não gosto muito. Eles vem por causa que tem alguns guris que vendem drogas."

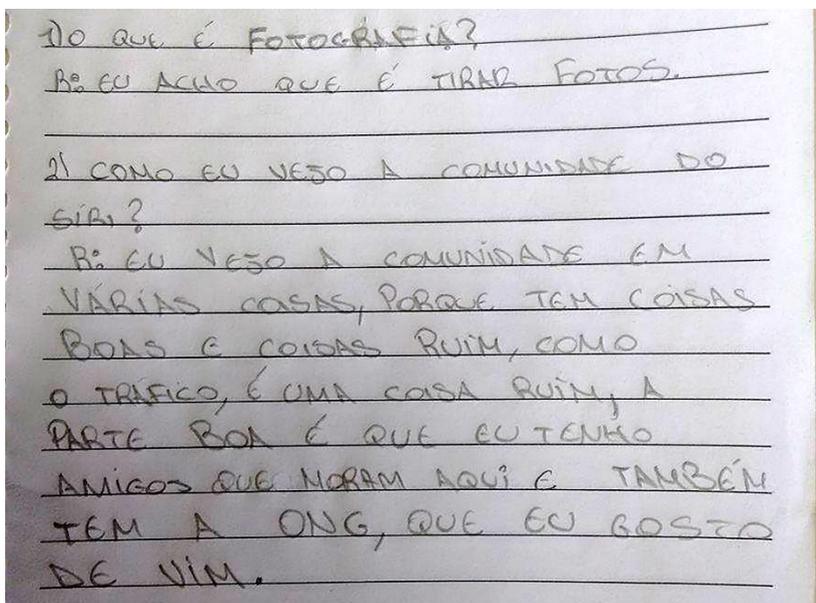


Imagem 31 - “1) O que é fotografia?

R: Eu acho que é tirar fotos. “

“2) Como eu vejo a comunidade do Siri?

R: Eu vejo a comunidade em várias coisas, porque tem coisas boas e coisas ruim, como o tráfico, é uma coisa ruim. A parte boa é que eu tenho amigos que moram aqui e também tem a ONG, que eu gosto de vim.”

Tal exercício foi bastante útil na medida em que pude compreender um pouco mais sobre a forma como percebem o lugar onde vivem e que tipo de imagens, muito provavelmente, elas viriam a produzir durante nossa saída. É fato que muitas destas impressões vieram a aparecer mais tarde.

Mas voltando à oficina, mesmo descrentes em um primeiro momento, a gurizada se entregou à proposta. O que se viu ao final foi um festival de sorrisos e uma correria frenética em busca das melhores imagens. Seus olhos brilhavam e até os adultos entraram na brincadeira. A cozinheira da ONG,

uma senhora de aproximadamente 60 anos, ficou boquiaberta ao manusear a estrutura pela primeira vez. “Parece um daqueles filmes antigos”, comentou.



Imagem 32

Deixei que brincassem com a *pinhole* o tempo que quisessem. Espalhadas pelo campo de futebol de areia da ONG, sua alegria e fascinação foram proporcionais à emoção que senti ao vê-las correr atrás dos melhores ângulos.



Imagens 33 e 34



Imagem 35

Ao fim, tivemos uma conversa descontraída onde contei um pouco da história da fotografia, seus primeiros processos, seus usos e finalidades. Utilizei a *pinhole* produzida para explicar sobre a câmara escura e seus usos nas artes plásticas ao longo dos séculos.

Procurei não me deter muito na tecnicidade que envolve a produção de uma imagem. Questões relativas ao ISO, abertura de diafragma e velocidade do obturador foram deixadas de lado a fim de não assustá-los com uma série de conteúdos áridos e que pouco acrescentariam no momento. Por outro lado, fiz questão de trabalhar o olhar por trás do objeto/plataforma câmara. Uma das propostas foi fotografarmos a mesma cena, cada um a seu modo, a fim de compreendermos que a mesma coisa pode ser vista e registrada de formas distintas a partir da subjetividade de cada um. Afinal, “A sensibilidade não é um *continuum*, nem um universal. Ela é múltipla e heterogênea.” (MARICONI, 1998, p. 56)



Imagem 36

Nesta parte, coloquei minha câmera à disposição, uma Canon T2i. Questionado sobre porque a *pinhole* não fixa as imagens, expliquei que é possível, sim, porém precisaríamos ter acesso a filmes fotográficos, os quais se tornaram raros e muito caros nos últimos anos.



Imagens 37 e 38

5.4 SAÍDA FOTOGRÁFICA

A saída fotográfica teve por finalidade colocar as crianças em contato com as diversas formas possíveis de retratarem imagneticamente o meio onde vivem. A “tarefa” de registrar através de seu próprio olhar as paisagens que as cercam pode ser considerada um exercício crítico de transformação, uma vez que a subjetividade de cada uma delas se insere de modo extremamente particular e diferenciado.



Imagem 39

Assim como na oficina, os grupos foram divididos em turnos. Pela manhã, foram sete os participantes. À tarde, oito. Como algumas crianças que participaram da oficina de *pinhole* não puderam comparecer, outros membros acabaram sendo incorporados de última hora.

Sáímos sem uma pauta definida. Minha única orientação foi que fotografassem o que quisessem a partir de seus próprios olhares. Lucas, o mais novo dentre todos, disse que queria fotografar o céu porque “ele é a coisa mais bonita da favela.”



Imagem 40

Para a atividade, foram utilizadas minha Canon T2i e uma Nikon D200 tomada de empréstimo do Labfoto, ambas com objetivas fixas (50mm e 35mm, respectivamente). A escolha das lentes se deu pelos seguintes motivos: primeiro porque, sem auxílio do *zoom*, as crianças precisariam se movimentar mais para enquadrar o motivo de suas fotos, o que tem como vantagem o fato de que proporciona uma maior interação com o ambiente; claridade (aberturas f1.8 e f2.4, que são ótimas para casos onde há pouca iluminação, o que, felizmente, acabou não acontecendo), nitidez (como há

poucas camadas de vidro entre a lente e o sensor, a imagem registrada adquire maior definição) e alta profundidade de campo, o que é muito útil caso se queira desfocar o fundo.

Além disso, solicitei antecipadamente que, se possível, cada criança levasse consigo um celular, o que foi atendido por praticamente todas elas. As poucas que não tinham, ou esqueceram de levar, utilizaram o meu e o de minha amiga Naiara.

Ao longo das quase três horas em cada período, foram feitas aproximadamente 500 fotos, doze das quais foram escolhidas para fazer parte da exposição.

Vale observar que boa parte das imagens produzidas pelas crianças tinha elas mesmas como tema, seja fazendo pose, seja pulando ou encenando abordagens policiais.



Imagem 41



Imagens 42 e 43



Imagens 44 e 45

Quanto aos celulares, a sugestão de incluí-los na atividade foi de minha orientadora neste trabalho, Profa. Dra. Daisi Vogel. Ótima ideia, uma vez que eles fazem parte da vida da maioria das crianças que participaram das atividades e talvez seja seu único meio de exercitar a fotografia no dia a dia. De nada adiantaria colocá-los em contato estrito com câmeras semiprofissionais por tão pouco tempo sendo que, no dia seguinte, não teriam a oportunidade de continuar a praticar.



Imagem 46



Imagem 47

Por outro lado, como as imagens registradas pelo celular têm, em sua grande maioria, uma resolução que impede em certa medida a sua reprodução em grandes formatos, preferi não ampliá-las para a exposição.



Imagem 48

Assim, caracterizo a saída fotográfica, bem como o modo como ela se estendeu à comunidade, na perspectiva das reflexões feitas por Ítalo Moriconi (1998) ao fazer referência à hegemonia da imagem eletrônica na cultura cotidiana, como uma experiência que articula o pedagógico e o político, chamando atenção para a dimensão da cidadania cultural. Tanto a oficina quanto a saída colaboraram para a multiplicação de perspectivas de olhares construídas através de processos diferenciados de captação de imagem e, logo, de percepção.

5.5 EDIÇÃO

Cada parte do processo de edição foi pensada de modo a tornar as imagens o mais atraentes possível, uma vez que as pensei para fazerem parte

de um conjunto fotográfico impresso em vista de uma exposição. Muito embora eu tenha tomado o cuidado de não subtrair a naturalidade que o fotojornalismo exige, em algumas delas carreguei nos contrastes e saturação a fim de imprimir-lhes maior impacto visual.

Optei pelo tratamento de algumas das fotos em P/B por pura predileção, mas também por acreditar que a “ausência” de cores confere às imagens um tom mais carregado de sentido. Para este processo utilizei apenas o Adobe Ligthroom CC, software que carrega consigo diversas funcionalidades extremamente úteis para fotógrafos de diversas áreas.

Pode-se dizer que uma de minhas maiores dificuldades diz respeito às manchas de fungo e poeira que apareceram nas fotos que fizemos com a câmera e a objetiva que tomei de empréstimo no Labfoto, especialmente nas com fundo claro. O trabalho para removê-las das imagens foi muito desgastante. Evidentemente, a ética que o fotojornalismo exige no sentido de não excluir ou adicionar qualquer elemento à cena fotografada não foi ferida. Tal procedimento apenas visou corrigir um problema técnico que me era desconhecido até o momento em que visualizei as imagens no computador. Caso as deixasse da forma que estavam, haveria uma série de fotos com “buracos” e riscos escuros, como no exemplo abaixo.



Imagem 49

Outro aprendizado extremamente importante que este TCC proporcionou a mim diz respeito à forma de preparação das imagens para a impressão em papel fotográfico. Percebi que, embora calibrado, o monitor não mostra exatamente como a foto ficará na impressão. O que pude atestar é que se faz necessário o acréscimo de um a dois pontos de exposição a fim de que as imagens não fiquem escuras.

Além disso, pequenos cortes foram feitos a fim de valorizar a composição do tema fotografado.

5.6 EXPOSIÇÃO

Dentre os vários formatos possíveis para a exposição prevista neste trabalho, escolhi fazer de modo que toda a comunidade da Vila do Arvoredo

tivesse acesso ao material. O plano inicial era espalhar as fotos pelas cercas, portões e muros a fim de que as pessoas pudessem passear pela comunidade, conhecer o trabalho e estreitar vínculos entre si. Na noite anterior à exposição, no entanto, fui convidado para participar de uma feijoada no bar da Ana, “centro” da favela. Nina se dispôs a conversar com Ana a fim de garantir que eu pudesse expor as fotos no local, o que de fato veio a acontecer.



Imagem 50



Imagens 51 e 52



Imagens 53 e 54

Nesta mesma noite, minha amiga Naiara e eu preparamos as imagens, cortamos a cartolina que viria a servir como base para as fotos e afixamos todo o material com o auxílio de cantoneiras. Embora trabalhoso, foi divertido escolher as fotos e relembrar todo o caminho até aquele momento, das diversas idas à comunidade, da oficina fotográfica artesanal, das vezes que fui acolhido na casa de Nina, inclusive dormindo com o restante de sua família no mesmo quarto que todos, da satisfação das crianças e uma série de outras coisas que, creio, não há relatório que possa comportar.

No dia seguinte, chegamos ao local às 11h e fomos direto ao bar onde aconteceria a feijoada. Com o auxílio de um barbante e pequenos prendedores plásticos, começamos a fixar as imagens em um muro bem em frente ao estabelecimento. Apesar de o vento ter atrapalhado um pouco, a estrutura que montamos funcionou perfeitamente ao longo de todo aquele sábado ensolarado. Quando tudo ficou pronto, Nina avisou a comunidade pelo grupo do WhatsApp. Alguns responderam perguntando se haveria custo para ver as fotos, ao que eu mesmo respondi que seria um absurdo cobrar por algo que é deles, na comunidade deles e para eles.



Imagens 55 e 56

Os moradores foram chegando aos poucos. Ao final da exposição, cerca de cem pessoas já haviam passado pelo local. Algumas ficaram do início ao fim, como um grupo de ex-presidiários, traficantes e foragidos da polícia que se instalou ao lado das fotos. Sentados em cadeiras de praia e bancos plásticos, os homens formaram um semicírculo que pouquíssimas vezes se dissolveu. Entre eles estava Jonatan, o rapaz que ficara paraplégico por conta de um tiro que levara acidentalmente. Whisky com energético, cerveja e maconha eram fartamente consumidos. Vale ressaltar que a foto abaixo só pôde ser feita após uma intervenção de Artur: “Mostra a cara pro fotógrafo, bandidagi!” Até então, ninguém queria aparecer.



Imagem 57



Imagens 58 e 59

Foi interessante observar a reação das pessoas, apontando, tocando e rindo ao se reconhecerem ou verem conhecidos nas imagens. O trabalho,

aparentemente, agradou a todos. Várias pessoas vieram até mim para elogiar ou fazer algum comentário, perguntar etc. Uma mulher chegou a dizer que as fotos ficaram tão bonitas “que nem parece que é no Siri.” Muitas delas também ficaram surpresas ao saber que as próprias crianças da comunidade participaram da produção.



Imagem 60

Uma das fotos, onde aparece uma lata de cerveja nas dunas, chamou especial atenção das pessoas que prestigiaram a exposição. A imagem sensibilizou vários moradores e pequenos debates sobre o problema do lixo na comunidade surgiram a partir dela.

O mesmo aconteceu em relação a uma foto onde aparece uma casa cuja fiação elétrica está solta sob a areia. A respeito disso, acredito que "O olhar reúne os elementos em um todo para perceber a totalidade. Se a figura

de conjunto é pequena, um único olhar permitirá reconhecer esta totalidade, apreendendo sua essência." (PIAGET, 2000, p. 19)

Nina, a presidente da associação, prometeu fazer uma campanha de conscientização alertando para os riscos deste tipo de instalação irregular, principalmente em relação às crianças, muitas das quais andam descalças pela comunidade.

Pode-se dizer que foi uma tarde bastante rica no sentido que proporcionou momentos de reflexão, diversão, cultura e alegria a vários moradores, o que vai ao encontro da seguinte colocação:

Enquanto o arquetípico projeto documental estava preocupado em chamar a atenção para sujeitos particulares, frequentemente com o objetivo de fazer com que o público contribuísse para a mudança da situação social ou política vigente, o contemporâneo coloca os "sujeitos particulares" como atores sociais: em vez de figurarem nas fotografias como meros expectadores de mudanças e receptores passivos de imagens produzidas pelo outro de classe, passam a ser documentaristas da sua realidade e transformadores sociais a partir do momento em que enxergam os problemas sociais que estavam acostumados a ignorar. Através da visualização das fotografias, são colocados os problemas e, a partir daí, pensadas as soluções. (FERREIRA & DA COSTA, 2009, p. 217)

As cerca de trinta imagens foram impressas em papel fosco, tamanho 30cm X 45cm. Como parte da contrapartida social e cultural que pretendi realizar com este trabalho, todas as fotos ficarão no local a fim de que sua memória seja preservada, muito embora também considere que "A fotografia não rememora o passado [...]. O efeito que ela produz [...] não é o de restituir

o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu.” (BARTHES, 1984, p. 123).



Imagem 61

A ideia é dividir o conjunto das fotos entre a Amovilar e a ONG Ruth Pereira e que o acesso seja livre a todos os interessados em conferir o resultado deste trabalho. Para tanto, contarei com o apoio da presidente da associação, Nina, e da professora e coordenadora da ONG, Isabela Santos.



Imagem 62

6. RECURSOS

Uma de minhas preocupações antes mesmo de começar o presente trabalho era a questão financeira. Quanto aos equipamentos, boa parte deles eu já possuía, o que de certa forma me deixou tranquilo quanto à possibilidade da execução da oficina e da saída fotográfica, além de minha própria captação. O empréstimo de uma câmera, uma objetiva e um cartão de memória via Labfoto foi necessário apenas em uma oportunidade, ocasião em que fiz a saída fotográfica com as crianças da comunidade. Sobre a impressão das fotos, vinha guardando um valor mensal para viabilizá-las sem prejudicar excessivamente meu orçamento. Neste sentido, posso dizer que consegui resolver esta questão de recursos sem grandes dificuldades, o que não quer dizer que não procurei fazer escolhas que pudessem baratear os custos em cada passo do trabalho.

Vale ressaltar ainda que o fato de meu projeto inicial não ter sido realizado junto à Comuna Amarildo de Souza, como previsto inicialmente, acabou por se mostrar positivo em termos de economia. O custo da passagem de ônibus até a Vila do Arvoredo é menos da metade do que até o município de Águas Mornas.

DISPONÍVEIS NA FASE DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO (R\$)	ORIGEM
Canon T2i	R\$ 1.800,00	Recursos próprios
Objetiva Canon 50mm f1.8	R\$ 350,00	Recursos próprios
Cartão 8GB	R\$ 50,00	Recursos próprios
HD externo Samsung 500GB	R\$ 300,00	Recursos próprios
Laptop Dell Inspiron 14 Série 5000	R\$ 1.900,00	Recursos próprios
TOTAL: R\$ 4.400,00		

UTILIZADOS NA FASE DA PRODUÇÃO

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO (R\$)	ORIGEM
Câmera Canon T2i	R\$ 1.800,00	Recursos próprios
Câmera Nikon D200	R\$ 1.800,00	Empréstimo

Objetiva Canon 50mm f1.8	R\$ 350,00	Recursos próprios
Objetiva Nikon 35mm f1.8	R\$ 1.000,00	Empréstimo
Cartão 8GB	R\$ 50,00	Recursos próprios
Cartão 32GB	R\$ 100,00	Empréstimo
HD externo Samsung 500GB	R\$ 300,00	Recursos próprios
Laptop Dell Inspiron 14 Série 5000	R\$ 1.900,00	Recursos próprios
Deslocamento ônibus Ida/Volta	R\$ 100,00	Recursos próprios
Material para a oficina (cartolina, papel vegetal, fita crepe, tesoura, agulha)	R\$ 200,00	Recursos próprios
Impressão 45 fotos tamanho 30cmX45cm em papel fosco	R\$ 700,00	Recursos próprios
Alimentação	R\$ 150,00	Recursos próprios
TOTAL: R\$ 8.490,00		

7. DIFICULDADES E APRENDIZADO

Uma das características deste trabalho é o envolvimento direto com crianças e adultos da Vila do Arvoredo. Talvez por conta disso, em diversas

oportunidades me vi diante de situações onde precisei me impor de alguma forma. Uma delas diz respeito a um comentário que ouvi de Marcelo, companheiro de Nina. Na ocasião, conversávamos sobre temas variados quando observei a quantidade de gatos e cachorros que perambulavam pela comunidade, ao que Marcelo disse: “Nem fala, cara. Outro dia peguei uma ninhada de gatos, coloquei em uma sacola e joguei ali no lago. Já comprei um bodoque pros meninos matarem também.” Não me contive e retruquei, levantando do sofá: “Poxa, Marcelo! Aqui em Floripa há ONG’s que castram os bichinhos de graça. Não precisa matar. Desculpa, é que tenho duas gatas e não me entra na cabeça como pode alguém fazer essa crueldade com outro ser vivo”. Ao ouvir meu protesto, Marcelo também ficou em pé e tentou amenizar. “Ah, mas você cuida delas. Aqui é diferente. O pessoal aqui não quer nem saber de cuidar. Deixam os bichos soltos, não prendem... E se me quebram uma telha? Quem é que vai pagar?”

Relatei esta história, mas haveria outras parecidas, por um único motivo: uma de minhas maiores dificuldades foi transitar em um meio onde vigoram valores muito diferentes dos meus, códigos que precisei assimilar conforme o desenrolar dos fatos. Sim, eu poderia muito bem concordar e incentivar por pura curiosidade jornalística. Certamente Marcelo teria outros casos semelhantes para contar, assim como seus filhos. Talvez eu pudesse aproveitá-los para enriquecer esta narrativa e trazer um pouco mais de informação sobre sua forma de perceber o mundo. Por outro lado, penso que o fato de eu debater de igual para igual em torno de questões polêmicas foi muito útil na medida em que pude perceber um aumento de confiança e respeito em relação a mim e meu trabalho como jornalista. Neste sentido, e retomando CALDEIRA (1981), penso que, dada a multiplicidade de elementos que participaram de todo o processo, a experiência construída em meu TCC é resultado de contextos muito específicos, de dinâmicas mediadas

por um conjunto variado de elementos e que dizem respeito às próprias relações de poder da comunidade em que me inseri.

Outra dificuldade, mencionada anteriormente, se refere aos fungos presentes na lente 35mm que tomei de empréstimo do Labfoto. O trabalho para apagar as manchas nas imagens durou cerca de dois dias, o que acabou atrasando o processo de edição. Acontece que, muito embora cerca de trinta imagens tenham sido selecionadas para a exposição, um conjunto bem maior (aproximadamente 170 fotos) foram previamente selecionadas, as quais também receberam tratamento (corte, correção de contraste, brilho etc).

Quanto ao tempo para a produção, apesar da mudança de última hora em relação ao público com o qual trabalharia, posso dizer que ficou no limite. Obviamente gostaria de ter tido mais dias para imergir na comunidade, mais prazo para tornar mais robusto o referencial teórico deste relatório e mais uma série de outras coisas que considero relevantes dentro deste contexto. Por outro lado, acredito que consegui chegar a um resultado satisfatório, uma vez que as crianças participantes tiveram a oportunidade de

[...] construir e dar a conhecer a sua própria imagem, com o seu próprio olhar de agente morador e modificador da comunidade, com voz, conhecimento e meios técnicos para produzir sua própria imagem e transformar sua realidade. (FERREIRA & DA COSTA, 2009, p. 225)

Finalmente, sinto-me satisfeito com o trabalho apresentado e com o conjunto de atividades desenvolvidas ao longo deste TCC. Acredito que meu contato com a comunidade foi bastante fértil e trouxe inúmeros aprendizados tanto para mim, futuro jornalista e fotógrafo, quanto para os moradores da Vila do Arvoredo, em especial às crianças que participaram da oficina e da saída fotográfica. A seguir, apresento algumas das fotos expostas.



Imagem 63



Imagem 64



Imagem 65



Imagem 66



Imagem 67



Imagem 68



Imagem 69



Imagem 70



Imagem 71



Imagem 72



Imagem 73

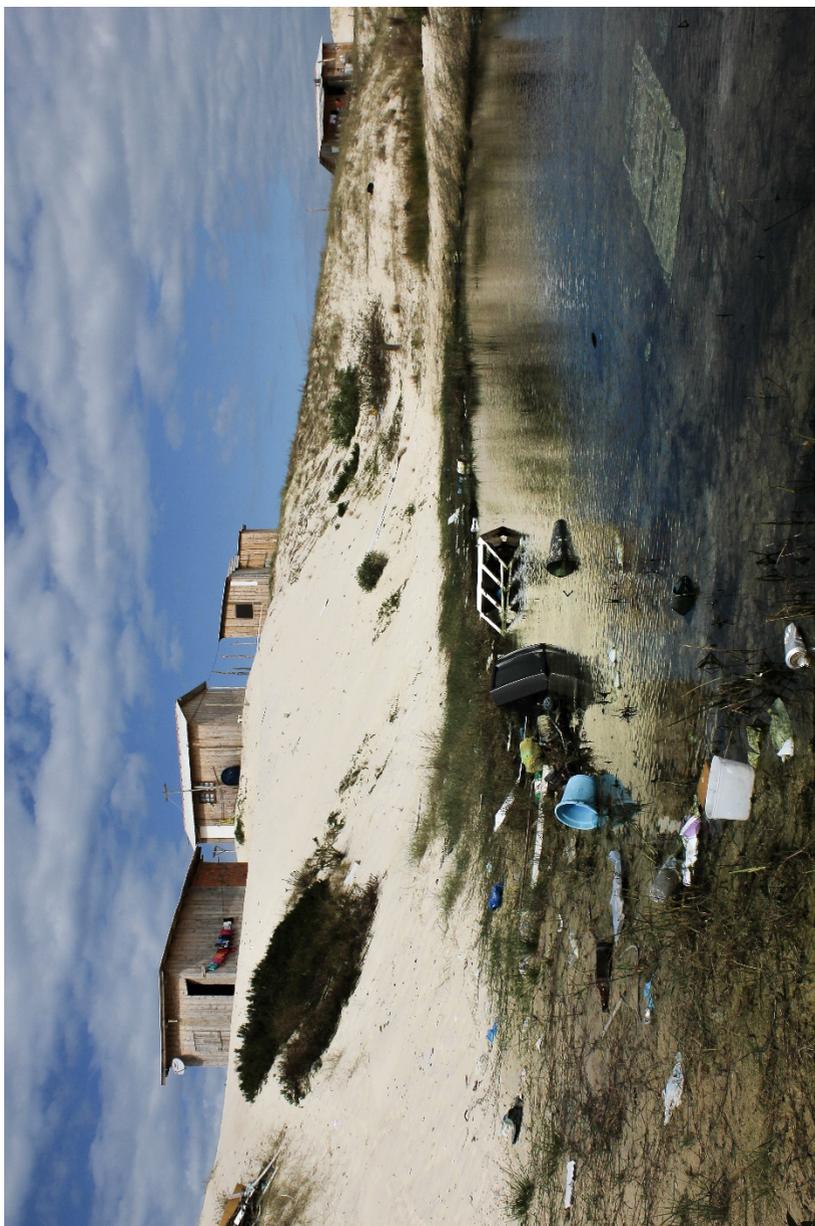


Imagem 74

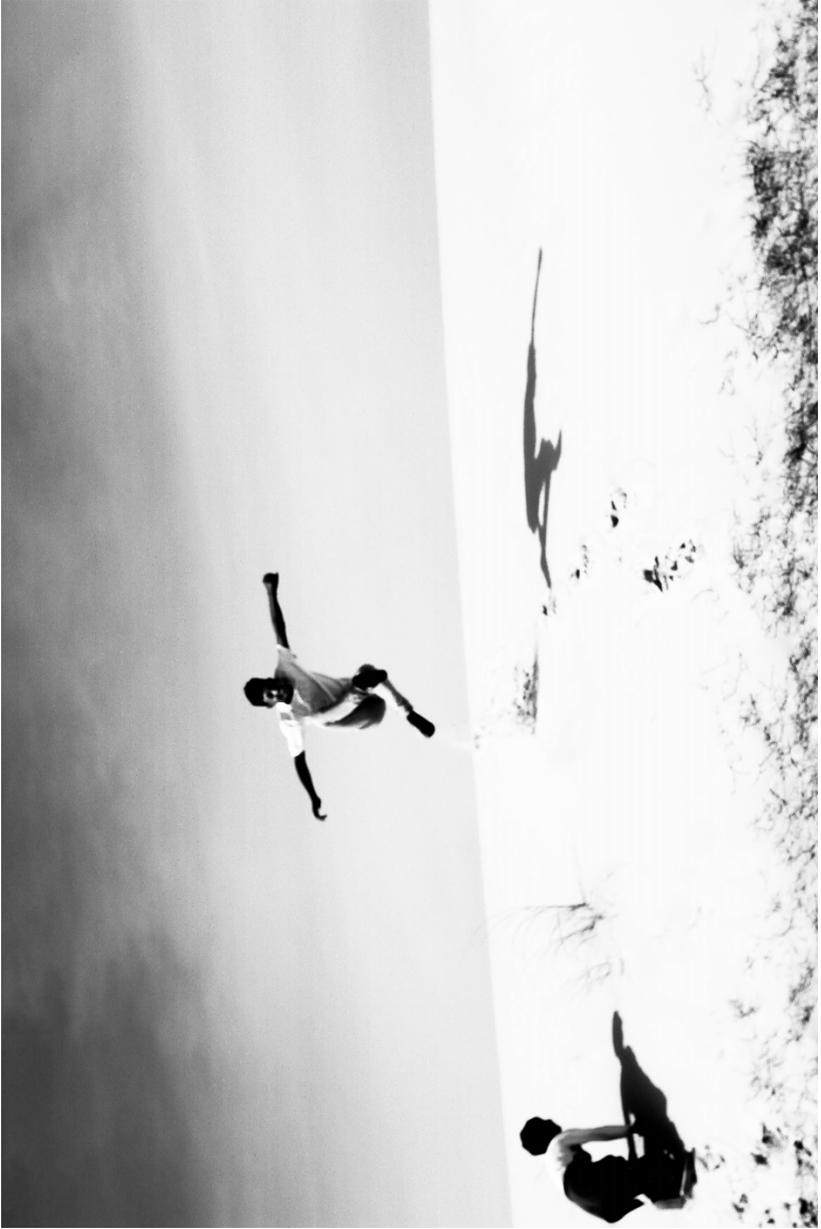


Imagem 75



Imagem 76



Imagem 77



Imagem 78



Imagem 79



Imagem 80



Imagem 81

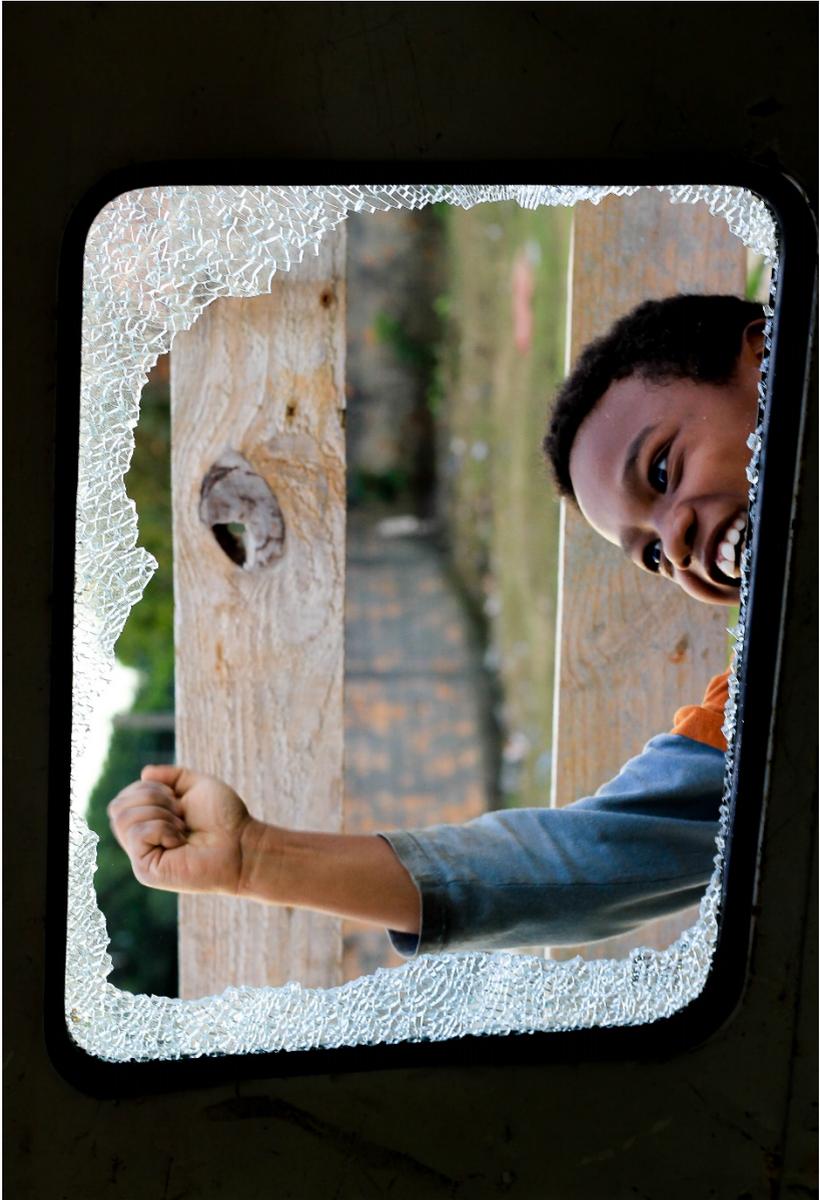


Imagem 82

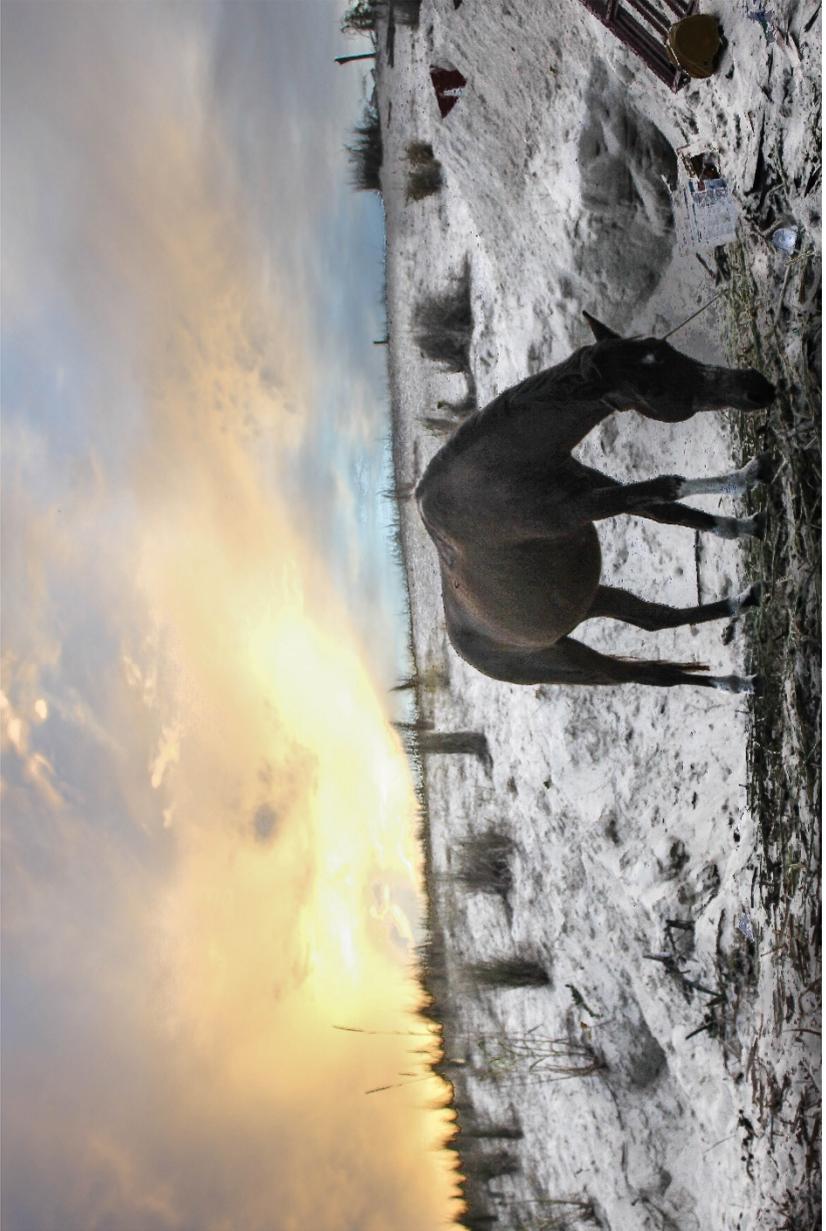


Imagem 83

Naturalmente, pretendo dar continuidade ao trabalho junto à comunidade. A próxima etapa será desenvolvida a partir de setembro e terá como foco as crianças que não puderam participar neste primeiro momento. Outro projeto que pretendo levar adiante se refere à publicação de um livro onde as histórias individuais de alguns moradores será contada. A ideia é que tal material seja produzido no decorrer de 2017, sempre em diálogo com a fotografia e o fotojornalismo. Todo o processo será participativo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Dan. Propostas para uma pedagogia de autodeterminação baseada na arteeducação pela transformação. In: BARON, Dan. **Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrabio, 2004.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo. In: RODRIGUES, Leôncio Martins (org.). **Ciências sociais hoje: Trabalho e cultura no Brasil**. Recife/Brasília: ANPPCS/CNPq, 1981, pp. 330-353

CAMARGO, Isaac Antonio. O uso da fotografia e a construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa. In: FAUSTO NETTO, Antônio; HOHLFELDT, Antônio; PRADO, José Luiz A. ; PORTO, Sérgio Dayrrel (org.). **Práticas midiáticas e espaço público**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FERREIRA, Júlia Mariano & DA COSTA, Marcelo Henrique. **Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais.** EUL, v. 5, n. 6. Londrina: UEL, (2009). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2952/2563>. Acesso em: 25 jun 2016.

GUIMARÃES, Vera. **A mensagem de uma fotografia jornalística.** Studium, n. 13. Campinas: IAR/Unicamp. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/13/mensagem/2.html. Acesso em: 27 mai 2016.

LEES, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (orgs.). **De um século de favela.** 4ª. Edição, Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, Jorge P. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental.** Chapecó, SC: Grifos, 2000.

